



Recebido em: 05/07/2016

Aceito em: 01/02/2017

A ÁFRICA ADORMECIDA NA BÍBLIA: ENTRE A MALDIÇÃO E A ESCRAVIDÃO AFRICA ASLEEP IN THE BIBLE: BETWEEN THE CURSE AND SLAVERY

Alexandre Valdemar da Rosa¹

Especialista em História, Ensino e Linguagens (UNESC)

<http://lattes.cnpq.br/8141702155533193>

Cledemilson dos Santos²

Mestre em Educação (UNESC)

<http://lattes.cnpq.br/0848153889218744>

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é desmistificar o entendimento de que sobre a África e os negros paira uma terrível maldição, predição essa proferida em meio ao primeiro caso de embriaguez registrado na história da humanidade. Conceituados estudos ajudarão a demonstrar o quanto os africanos e seus descendentes foram prejudicados ao longo dos tempos, em decorrência da distorção histórica e geográfica interpretada erroneamente no livro de Gênesis 9:25. Os conceitos desta África Bíblica que veremos certamente contribuirão com o objetivo proposto pela Lei 10.639/03, no sentido de dar uma nova roupagem a história do continente considerado o berço da humanidade.

¹ Especialista em História, Ensino e Linguagens pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Castelo Branco (UCB). Secretário Executivo no Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial (COMPIRC), na cidade de Criciúma-SC. Dedicou seus estudos a assuntos voltados para questões de Gênero e das Relações Étnico Raciais.

² Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Especialista em Metodologias e Práticas Interdisciplinares do Ensino, pela Faculdade Capivari (FUCAP). Graduado em Direito (UNESC). Professor de Sociologia da Violência no IBPEX. Professor de Legislação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IF/Campus Sombrio. Professor de Direito Constitucional I, Penal I e II, na Escola Superior de Criciúma – Faculdades ESUCRI. Membro do Setor de Pesquisa e Extensão (SePe). E-mail: cledemilson_s@hotmail.com

Palavras-Chave: África, Bíblia, Maldição, Migração, Canaã.

Abstract: The aim of this research is to demystify the understanding that about Africa and black hangs a terrible curse, this prediction given in the midst of the first case of intoxication recorded in human history. Highly regarded studies will help to show how Africans and their descendants were affected over time, due to the historical and geographical distortion misinterpreted in Genesis 9: 25. The concepts of this Biblical Africa that we will certainly contribute to the objective proposed by the law 10.639 / 03, to give a new look to the history of the continent considered the cradle of mankind.

Keywords: Africa, Bible, Curse, Migration, Canaan.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos houve uma crescente enxurrada de bibliografias direcionadas a história da África, trocando em miúdos, nunca ocorreu tanto interesse pelo passado do continente berço. São pesquisas que nos apresentam os povos africanos por diferentes ângulos, muito embora partes desses estudos ainda estejam impregnados por antigos estereótipos, isto é, o da África pobre, amaldiçoada, soropositiva, semianalfabeta e principalmente escrava. A África, como diria Paulo Visentini (2013: 11), “esta se tornando moda. Proliferam cursos e publicações, muitos dos quais bastante superficiais, emotivos e equivocados”. Em resumo, “a história da África tem de ser reescrita. Até hoje tem sido mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada pela força dos fatos, ou seja, pela ignorância e pelo interesse” (KI-ZERBO, 1979: 07).

Agindo na contramão dessa realidade histórica, o objetivo do presente estudo é atribuir uma nova roupagem ao lugar aonde tudo começou, e os componentes que nos farão embrenhar em um território até então inóspito, estarão inseridos na mais antiga fonte de pesquisa de todos os tempos, a Bíblia.

Faremos uso das linhas do sagrado para poder compreender o passado dos ditos profanos, atribuindo-lhes o seu verdadeiro valor. Será pelas páginas das Escrituras Sagradas que viajaremos por uma África encantadora, lugar cercado de mistérios, adepta a aventuras, protegida por guerreiros Kushitas, dividida pelo deserto, resistente ao calor e de aroma irresistivelmente doce. Eis o lugar que no início Deus abençoou e o homem de maneira inescrupulosa a excomungou.

A GÊNESE DA QUESTÃO

Pois bem, considerado o livro dos livros por uns e ao mesmo tempo a biblioteca de um livro só por outros, nos últimos séculos os escritos bíblicos vem sendo alvo de manipulações, distorções, acusações, injúrias e questionamentos. Afinal, a Bíblia é ou não é uma fonte de pesquisa histórica?

Assim como Tereza Nietzsche optou pela infeliz ideia de distorcer os estudos de seu irmão, Friedrich Nietzsche, em troca de favores nazistas, inúmeras passagens bíblicas também foram infectadas por semelhante mal. Estas artimanhas procuraram há todo momento legitimar a ideologia de que aos africanos e seus descendentes são justificáveis algumas situações, como a condição de serem escravos, por exemplo. Podemos deduzir que de maneira maldosa “os negros foram excluídos da graça divina” (OLIVEIRA, 2001: 37). Esta espécie de privação sobrenatural atribuída aos africanos e sua descendência não foi uma prerrogativa exclusiva do catolicismo, muito pelo contrário, outras religiões como o mormonismo

também tiveram seu quinhão culposos.

Embora a igreja católica tenha reconhecido sua parcela de responsabilidade no processo vilipendioso do negro no decorrer dos tempos, em parte graças aos historiadores transatlântico, como alertou Guillaue Hervieux, as consequências infames de seus atos ainda levarão inúmeras gerações para serem extirpadas de nossas lembranças. Dentre os líderes católicos, Karol Józef Wojtyła, ou simplesmente papa João Paulo II, parece ter sido um dos poucos religiosos a reconhecer tamanha maldade. Em 1991, durante uma visita a ilha de Gorée, no Senegal, Wojtyła “pela primeira vez pediu perdão ‘pelos pecados cometidos pela Europa cristã contra África’” (HERVIEUX, 2013: 28).

Júlio José Chiavenato, em sua obra “O Negro no Brasil: da Senzala à Guerra do Paraguai”, soube muito bem explicitar esta espécie de cinismo religioso. Sob o olhar de alguns versículos bíblicos e com o argumento de que na África pairava uma terrível maldição, a igreja, através das bênçãos da Santa Sé, condenaria as futuras gerações africanas ao conceder aos portugueses o monopólio do tráfico negreiro. A África, como nos informa Chiavenato (1993: 44-45):

Foi o único continente do mundo que teve a sua população estagnada nos últimos quatrocentos anos. Matou-se um continente, cometeu-se um genocídio ao longo de trezentos e cinquenta anos que vitimou o equivalente à população total do Brasil contemporâneo. A África negra foi condenada à estagnação demográfica e econômica, seus homens, mulheres e crianças foram escravizadas, mortos, torturados, violentados culturalmente para que os portugueses, espanhóis e ingleses pudessem produzir riquezas nas suas colônias.

A concessão na qual daria plenos poderes para que os portugueses explorassem o continente africano foi documentada em diferentes momentos históricos, sempre devidamente legitimada com o título de bula, principalmente atendendo pelo nome de Bula da Cruzada.

Em sua bula papal transcrita em 1454, Nicolau V justificaria a exploração africana alegando “que os negros seriam batizados e a sua captura e escravidão serviriam, portanto para ‘salvar-lhes as almas’”. E estimulava Portugal a continuar o tráfico, a fim de trazer todos aqueles negros à fé cristã” (CHIAVENATO, 1993: 46). Compartilhando das mesmas sandices defendidas por Nicolau, outros dois piedosos papas também emitiram pareceres semelhantes. Em 1456 e 1481, “os papas Calixto III e Sixto IV afirmam e reafirmam que o ouro e os negros são os principais produtos da costa da África. [...]. Foi com essa base moral que os portugueses começaram o assalto à África” (CHIAVENATO, 1993: 46).

Bula da Cruzada havia sido a denominação dada às constantes

autorizações de indulgências aos católicos portugueses. Receberia tamanho benefício todo aquele que de alguma forma contribuísse com a expansão dos ideais religiosos. Sobre este assunto, David Rabello nos apresenta a seguinte explicação:

Se a bula da cruzada implicava na concessão de indulgências e outros bens espirituais, ela significava também o recolhimento de consideráveis importâncias, provenientes da contribuição dos fiéis (esmolas), nas compras das bulas, que eram papéis, primeiros manuscritos e mais tarde impressos. E esses rendimentos eram aplicados em muitas empreitadas relacionadas com a defesa da cristandade ou a propagação da fé. [...]. Cumpre ressaltar que os rendimentos proporcionados pela bula da Santa Cruzada não eram aplicados exclusivamente nas campanhas militares, mas também na conservação e defesa das praças da África que, como se sabe, era um sorvedouro de recursos materiais (www.revista.usp.br/revhistoria/article/viewfile/61350/64285).

Como é possível perceber, em se tratando de exploração africana as mentes religiosas eram bem criativas. Será que a idade das trevas realmente influenciou de forma negativa o imaginário papal, ou não, essas atitudes eram decididamente maldade pura?

Não obstante, se por um lado a Bíblia sofreu graves alterações em seus ensinamentos, também houve correntes ideológicas que procuraram há todo momento por a prova, certas verdades históricas, alegando que tais fatos se tratavam meramente de simples aventuras imaginativas. A problemática em torno desta última afirmação pôde ser percebida por meio da discussão envolvendo dois conceituados estudiosos.

De acordo com Mathias Grenzer, teólogo da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, os textos bíblicos nos oportunizam o “acesso a praticamente 1800 anos de história de um povo. Além disso, espelha todo o contexto cultural do antigo oriente” (VERONESE, 2005: 54). Todavia, diferente do que defende Grenzer, Milton Schwantes, da Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Antigo Testamento, alega que os referidos escritos não passam de “uma aventura religiosa não histórica. Os personagens são aquilo que eram de algum modo, mais são muito mais do que eles foram, pois representam 500 anos de história, como Abraão e Sara, os modelos de uma nação” (PIRES, 2004: 24).

As divergências no tocante a veracidade das centenas de relatos transcritos neste importante compêndio cultural, nos faz imaginar o quanto estas descrições foram questionadas historicamente. Interpelações que de tão ásperas chegaram a provocar importantes insurgências populares. Como consequência, a historiografia não bíblica vem sendo cada vez mais prudente ao desferir críticas tanto a assuntos relacionados a experiências humanas, como também quanto às questões religiosas expressas nos Textos Sagrados. Segundo Nels Lawrence Olson (1991: 35), as

peças precisam compreender que as Escrituras devem ser entendidas como “a fonte da civilização e não o produto da mesma”.

O veículo pelo qual Deus no passado escolheu revelar as inúmeras ilicitudes da humanidade, atitudes que tanto o envergonharam, na contemporaneidade têm sido para arqueólogos, historiadores, antropólogos, filósofos, teólogos e comentaristas bíblico uma espécie de instrumento mediador temporal. Facilmente podemos deduzir que para os estudiosos em evidência, nos escritos bíblicos, a linha divisória responsável por entrelaçar cronologicamente as ocorrências do passado, é muito mais tênue do que as existentes em qualquer obra literária. Richard Lebeau, por exemplo, considera o Velho Testamento “o alicerce sobre o qual os cristãos e os muçulmanos nos escreveram suas respectivas histórias. Livro revelado e escrito por homens, é ao mesmo tempo a palavra de Deus e a expressão de experiências humanas e religiosas ancoradas na história” (LEBEAU, 2012: 78).

Entre as muitas histórias nas quais os africanos estão inseridos, acreditamos que o episódio envolvendo Simão, outrora conhecido como ‘o Cireneu’, tenha sido um dos grandes enigmas do passado bíblico. Estudos aprofundados conduzem os pesquisadores a novos direcionamentos sobre algumas questões envolvendo o referido episódio, a saber: quem foi este homem, que auxiliou Jesus Cristo a carregar sua cruz e sem nenhuma explicação desapareceu, não deixando vestígio bibliográfico? De onde ele veio? “Por que a Bíblia fala tanto de Barrabás, um criminoso e dos próprios ladrões ao lado de Jesus, mas tão pouco sobre esse homem chamado Simão, o Cireneu?” (VALADÃO, 2009: 12).

Simão era oriundo de Cirene, uma importante cidade da Cireneia (atual Líbia), conhecida pela grandeza de seu porto e por exportar para antiga Grécia grandes nomes da filosofia, gramática e da geografia científica. Carnéades, Aristipo, Calímaco e Erastótenes encabeçam a lista dos famosos intelectuais cirenense. Segundo Abd El Hamid Zaed (2010: 174), Erastótenes, considerado o pai da geografia científica, possui em seu currículo:

A tentativa de medição da circunferência da terra, fundamentando seus cálculos na relação da sombra projetada no solstício do verão no relógio de sol de Alexandria e a ausência de sombra em Siena (Assuã). Concluiu que a circunferência da terra era de 252 mil estádios (isto é, 46695 km), que ultrapassava em um sétimo a circunferência real da terra (40008 km). Erastótenes chegou a catalogar 675 estrelas.

Fundada em 635 a.C., por imigrantes Dórios da ilha grega de Thera, Cirene se tornou em pouco tempo uma representação helenística no norte da África. Embora estivesse durante séculos sob a tutela da administração egípcia, foi através do governo Ptolomaico que os moradores de Cirene viram surgir costumes que

muito se diferenciavam do seu cotidiano. A arquitetura, o urbanismo e a religiosidade em pouco tempo ganhariam uma nova roupagem, o que certamente não teria agradado a todos os moradores locais, sobretudo os judeus, então monoteístas e presentes em grande número na cidade.

Amantes das artes e politeístas por natureza os Ptolomeus foram para Cirene, o que Adriano teria sido para os romanos, isto é, em ambos os lugares, a expressão artística também serviu de subterfúgio para legitimar as sandices de quem detinha o controle do poder. Para Karin Kenney (1995: 35), “os Ptolomeus permaneceram essencialmente helênicos”, ocasionando a difusão da civilização grega pelos arredores do Mar Mediterrâneo e a migração de um grande contingente grego à região da África em questão. Logo, todos sonhavam fazer fortuna, pois o momento era bom e a oportunidade melhor ainda, pois o poderoso império egípcio estava sob o controle da dinastia macedônica.

Zaed (2010) relata ainda, em sua obra *Relações do Egito com o resto da África*, que em Cirene, além dos gregos, “havia também uma parcela da população composta principalmente de judeus e de muitos estrangeiros. A população rural (georgoi) era constituída por líbios autóctones e colonos gregos”. Ao que tudo indica, a antiga sociedade Cirenense era formada por uma verdadeira miscelânea cultural.

A geografia bíblica estima que 1600 quilômetros separavam Cirene de Jerusalém, algo equivalente a quatro meses de viagem sob as corcovas do principal meio de transporte da antiguidade: o camelo. Um trajeto tão grande quanto à distância percorrida tanto pela Rainha de Sabá como pelo eunuco da Rainha de Candace. Ambos eram oriundos do antigo território de Kush e que como nosso personagem, em períodos distintos, também teriam ido à terra de Salomão, conforme descrevem os livros de 1Reis 10, 2Crônicas 9 e Atos 8:26, respectivamente.

A utilização de camelos como meio de locomoção e transporte não ocorreu por acaso. E as justificativas para o emprego destes animais no deserto africano são inúmeras. Fato é que, se Simão optasse pela utilização de cavalos para o seu deslocamento, ele certamente teria que redirecionar a rota até Israel. Esta geografia praticamente também retirou do Saara o uso de carros de rodas puxados a tração animal. Sobre esse assunto, Silva (1996: 230) nos esclarece que os veículos conduzidos por cavalos, bois ou asnos não conseguiram competir com o camelo por que:

Este, nas regiões áridas e semi-áridas, era mais resistente às grandes caminhadas, com seus largos cascos que não sofriam com as areias do deserto, e à carência de água e de alimento. Levava no

dorso pesadas cargas – até geralmente 150 kg -, pelos terrenos mais difíceis e a uma velocidade que não podiam cumprir os carros a tração animal. Enquanto um carro de um par de bois, transportando uns 500 quilos, só podia vencer por jornada entre 12 e 15 km, uma cáfila alcançava 30 ou até mesmo 40. Cada carro tinha de ter condutor próprio, um só cameleiro era capaz de conduzir de três a seis dromedários.

Como suporte indispensável no processo de desenvolvimento das civilizações do mundo antigo, principalmente Oriente Médio, parte da Ásia e da África, o camelo como meio de transporte, conseguiu vencer ambientes onde outros animais mal poderiam ficar sobre as patas.

Ademais, a oscilação de temperatura do deserto, formada por dias exageradamente quentes seguida de noites invariavelmente frias, obrigava os viajantes a armar seus acampamentos com certa frequência, levando-nos a imaginar o quanto cansativas se tornavam as viagens ao final dos dias, sobretudo para os animais. Contudo, a pergunta que não quer calar é a seguinte: o que levaria Simão a percorrer tamanha distância?

Embora pareça utópico, existe sim uma explicação plausível para o sacrifício vivenciado pelo dedicado africano. E a justificativa é proporcional ao respeito que o mesmo tinha em relação a sua fé.

Importa destacar neste contexto que o período de dominação grega sobre Cirene se estendeu até 96 a.C., quando os romanos assumiram o poder. A anexação da cidade de Simão ao império romano foi motivada por uma forte turbulência política, iniciada após o falecimento de Ptolomeu V (Epifânio), em 180 a.C. A transição para o novo governo provocaria a discórdia entre dois irmãos, Ptolomeu VI (Filometor) e Ptolomeu VIII (Evérgeta II). Para Luiz Henrique Souza de Giacomo (www.historia.uff.br, p.72),

Esses dois governantes tornaram cada vez mais efetiva e constante a ação dos romanos na decisão dos interesses da coroa alexandrina. Qualquer desentendimento entre os dois significava um pedido de interferência aos senadores romanos na questão. Os tronos de Alexandria e de Chipre, nesse momento, se encontravam desestabilizados, pois ambos os irmãos permutavam entre si as coroas, dependendo da decisão de Roma. Até que, em 163 a.C., o Senado propôs a divisão da coroa egípcia em dois tronos: o do Egito/Chipre, cabendo a Ptolomeu VI, e da Cirenaica, ficando para Ptolomeu VIII.

Giacomo ainda nos informa que 67 anos após ter acontecido tal acordo, Ptolomeu Ápio, em 96 a.C., através de testamento, transfere a Cirenaica para os domínios romanos, "sendo transformada em província e efetivamente ocupada por aqueles a partir de 74 a.C."

Assim como muitos dos seus conterrâneos, Cireneu também era adepto do judaísmo, o que lhe implicava obedecer alguns dogmas religiosos. Conforme previa os ensinamentos da antiga tradição judaica, todo judeu deveria “pelo menos uma vez na vida peregrinar até Jerusalém para participar de uma das três festas sagradas: Festa dos Tabernáculos, da Páscoa e do Pentecostes” (XAVIER, www.ebah.com.br/content/ABAAAgKQIAD/simao-cirineu-mudanca-atraves-cruz).

Portanto, nosso personagem havia desembarcado na Terra Santa no amanhecer pascoal. Sua rápida passagem pela terra de Salomão ficara registrada nos livros de Romanos (16:13) e Marcos (15:21), os quais apresentam ao mundo o homem que em meio a tanto sofrimento proporcionou a Cristo uma valorosa sensação de bem estar.

Alheio a tudo isso, a Bíblia, este imenso universo de informação acerca do passado tem proporcionado a inúmeros historiadores a oportunidade de confrontar a veracidade de antigos paradigmas. São verdades históricas que a historiografia moderna até hoje não conseguiu elucidar completamente. A opulência em termos de gêneros do discurso que compõe a coleção bíblica, como sabiamente descreveu Edson Dornelles de Andrade (2014 apud Steiner, 2001):

Não se assemelha a nada na antiguidade: historiografia, crônicas, cartas, poemas, contos, reflexões filosóficas, ditos proverbiais, leis, cânticos, epístolas, biografias, profecias e muito mais fazem dela, junto ao número de traduções, comentários e interpelações ao longo de 2000 anos o centro de uma galáxia.

É crível afirmar que os pecados da igreja foram tão grandes quanto sua história, e as consequências desse famigerado jogo de interesse são até hoje vivenciado pela descendência africana mundo afora. Parece sandice acreditar que sobre nossos irmãos negros paira uma lendária maldição, proferida em meio ao primeiro caso de embriaguez registrado na história da humanidade. Coube aos negros o pioneirismo de sentirem literalmente na pele, os malefícios ocasionados pelo consumo exacerbado do álcool. Ou seja, uma simples afirmação condenou e ao mesmo tempo legitimou a escravidão num continente tido como o berço da humanidade. Nesse sentido, é possível acreditar que a referida ideologia ainda hoje esteja sendo defendida por conceituados religiosos? E o pior, será que os negros foram excluídos do benefício da remissão dos pecados, ‘proveito’ este concebido em detrimento da morte de Cristo?

Parafraseando Joan Scott (1995, p: 29): “A exploração dessas perguntas fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas a velhas questões [...]”.

Não precisa ser filósofo para compreender a importância dessa teoria como

objeto de alienação. Grandes impérios religiosos foram erguidos após tomarem conhecimento da suposta maldição divina. Brigham Young, por exemplo, foi um destes doutrinadores.

Pregador religioso e segundo presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Young soube muito bem utilizar de tal argumento para manipular seus fiéis. Suas ideias tinham forte poder de convencimento, e na sociedade americana do século XIX, elas influenciavam não somente por meio de pregações, mas também por intermédio do jornal de sua igreja.

Até junho de 1978, os negros eram proibidos de frequentar o corpo eclesiástico dos Mórmons, o que motivou inúmeros negros a abandonar o Mormonismo. Sob o argumento de que os negros estariam duplamente amaldiçoados, a igreja durante muito tempo proibiu inclusive o relacionamento interracial. “Caso viessem a se mesclar com a descendência de Caim, a igreja iria para a destruição, recebendo a maldição que fora colocada sobre os descendentes de Caim, ou seja, os negros” (Martins, 2000: 25-26). O mesmo religioso em uma publicação datada de 1859, descrevia assim a realidade negra:

Observem algumas classes da família humana, refiro-me aos negros. Eles são toscos, feios, desagradáveis e baixos em seus hábitos. São selvagens, e aparentemente, privados de quase todas as bênçãos de inteligência, que é normalmente, concedida a humanidade. O primeiro homem que cometeu um crime hediondo de matar um de seus irmãos foi amaldiçoado por muito mais tempo, do que qualquer outro dos outros filhos de Adão. Caim matou seu irmão. Caim poderia ter sido morto. Se fosse, teria posto um fim nesta linhagem de seres humanos. Isso não era para ser assim. Então o Senhor colocou uma marca nele, que é o nariz chato e pele negra. Analisem a humanidade até após o dilúvio. Vejam que depois do mesmo, outra maldição foi pronunciada sobre a mesma raça – que deveria ser o ‘servo dos servos’, ou escravidão. Isso será, até que a maldição seja removida. Os abolicionistas não poderão ajudá-los, e nem ao menos alterar o decreto de Deus. (sobreomormonismo.blogspot.com.br/2011/07/religião-e-racismo.html).

Para que os negros pudessem ascender à classe sacerdotal, era preciso que os desígnios de Deus fossem realizados, sobretudo com todos os outros descendentes de Adão, isto é, os brancos. Somente assim a maldição seria extinta e o sol voltaria a brilhar sob a pele cativa dos filhos da mama África.

Diferente de Young, Thomas Jefferson Bowen, um jovem missionário americano Batista, residente no Brasil dos tempos escravista, vislumbrava algo diferente aos africanos. Profundo conhecedor da língua Iorubá, conhecimento este adquirido quando havia sido missionário na África, Bowen procurou ofertar aos escravos a oportunidade dos ‘ditos amaldiçoados’ também alcançarem as

promessas divinas. Sua passagem pelo Brasil “foi breve, porém marcante. Chegou a ser preso pela polícia carioca do Império pelo crime de ajudar a evangelizar os negros dos morros e subúrbios do Rio de Janeiro” (OLIVEIRA, 2001: 67).

A edição do jornal “O Diário do Rio de Janeiro”, de 26 de maio de 1860, deixava evidente a insatisfação escravista em relação à dedicação religiosa de Bowen junto aos escravos:

Dizem-nos que um pastor americano, ultimamente chegado de Richmond, traz intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas das seitas anabatistas, que professa. Começou já a exercer a sua missão pregando aos pretos minas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode desviar diversos prosélitos entre as inteligências broncas e incultas, estabelecendo no país, uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima (OLIVEIRA, (Sousa, PAULO de. OS Negros da Bíblia e os do Brasil. Resende, RJ: Sete, 2001: 66. In: PEREIRA, J. Reis. História dos Batistas no Brasil. RJ: JUERP, 1982).

O missionário visto como amigo dos escravos residia com sua família em um quarto de hotel no alto da Boa Vista, na Tijuca. Conforme escreveu Betty Antunes de Oliveira (2002: 01), dificuldades envolvendo moradia, a malária e principalmente a demora no envio de verba para o sustento da vida missionária, obrigaram os Bowens a retornarem à sua terra natal, os EUA.

Os exemplos de Young e Bowen, além das narrativas expressas pelos papas Nicolau V, Calixto III e Sixto IV traduzem muito bem para a população negra, o que representa a interpretação equivocada do livro de Gênesis 9:25: dor, discriminação e exclusão. Um problema que na contemporaneidade vem ganhando uma nova roupagem.

Em 2011, uma áspera discussão envolvendo a presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, deputada Manoela D’Avilla (PC do B-RS) e outro parlamentar, o então deputado federal Marcos Feliciano (PSC-SP) chamou a atenção da sociedade brasileira. Visto como inimigo pelos homossexuais, Feliciano despertou a ira de boa parte da comunidade negra ao afirmar “que sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias e doenças” (Diário Catarinense, 2011: 06).

Os dizeres do representante da bancada evangélica, levou Manuela a encaminhar à Corregedoria da Câmara, as polêmicas declarações proferidas pelo político que, em seu entender, eram afirmações extremamente preconceituosas.

Mas, em resposta a colega parlamentar, Feliciano utilizaria como defesa o argumento de que “também seria afrodescendente e nega ser racista. Em seu

entendimento, os conceitos que expõe são puramente 'teológicos' e estão registrados na Bíblia”.

Mesmo tentando transformar em provas as declarações ditas por Feliciano nas suas páginas do Twitter, e nas reportagens exibidas nos principais meios de comunicação do país, todo esforço de Manuela D'Avilla, em tentar indiciá-lo por suposta quebra de decoro, como muitos já imaginavam, acabaria em pizza.

Nos ritos cristãos, a discutida maldição de Cam e de seu filho Canaã, conforme nos informa Hoornaert (1998: 21) se tornou “uma espécie de artigo, um arsenal de armas ideológicas cuja capacidade de alvo supera de longe a dos arsenais de guerra mais sofisticados, e que está longe de ser desmantelado nos dias que correm”.

Reza a história que Deus num passado muito distante teria resolvido castigar sua prole, após se irritar com os constantes pecados pelos quais os mesmos estariam envolvidos. Para extirpar da terra todos os pecadores, o Criador utilizaria como estratégia uma grande inundação, a qual duraria quarenta dias ininterruptos. Abriram-se as comportas do céu; “as águas eram mais geladas que o gelo. Ele abriu as portas do céu e as cataratas caíram sobre eles” (KEBRA NAGAST, 1996: 08).

A chuva havia sido tanta que atingiria “sete metros acima das mais altas montanhas, não deixando nenhum lugar para onde o povo pudesse fugir e salvar-se”, comenta Flávio Josefo (2004: 82).

De acordo com o historiador judeu, Noé tinha seiscentos anos quando teve a oportunidade de pisar no solo montanhoso da Armênia, local em que a arca teria teoricamente atracado. A ordem agora era povoar a terra e apagar da memória o passado pecaminoso que resultara a condenação de seus entes queridos. Dessa forma, Sem, Jafé e Cam, acompanhado de suas respectivas esposas estariam incumbidos de dar início ao plano divino. “Deus abençoou a Noé e seus filhos, e disse: “tenham muitos filhos e povoem novamente a terra” (GÊNESIS 9: 01).

Porém, a imperfeição humana outra vez comprometeria o planejar do Arquiteto do Universo, e novamente a criatura decepcionaria seu Criador. “Noé falhou e um de seus erros é registrado para nós neste relato” (ASSOHOTO; NGAWA, 2010: 25). Então, após o grande dilúvio, “a terra foi restaurada ao seu estado primitivo, Noé cultivou-a como antes e plantou uma vinha, da qual ofereceu as primícias a Deus” (JOSEFO, 2004: 88:).

Um dia Noé embriagou-se e despiu-se completamente dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, viu o pai despido, saiu e foi chamar os outros dois irmãos. Então Sem e Jafé pegaram uma capa, chegaram-se de costas com a capa suspensa nos ombros,

aproximaram-se do pai no meio da tenda, e o cobriram, sem terem visto a nudez do pai. Quando Noé se refez da sua embriaguez e soube o que tinha acontecido e a forma como o seu filho mais novo tinha agido, disse: 'Maldito seja Canaã. Que se torne o escravo dos descendentes de seus irmãos'. E acrescentou: 'Bendito seja o Senhor, Deus de Sem. Que os cananeus sirvam a ele. Que abençoe Jafé e que compartilhe da prosperidade de Sem, e que os cananeus também sirvam a ele'. (GÊNESIS 9: 21-27).

Ainda segundo os religiosos africanos, apesar de existir um universo de suposições em relação à atitude de Noé, para ambos, o suposto crime de Cam não estava limitado ao simples fato dele ter presenciado a nudez do pai. Ao que parece, o problema estaria em ele "não ter tomado uma providência para proteger o pai da vergonha e, de fato, tê-lo exposto ao ridículo" (ASSOHOTO; NGAWA, 2010: 25).

Analisando o desenrolar do acontecido, podemos vislumbrar algumas possíveis justificativas para infeliz afirmação do patriarca: "Maldito seja Canaã. Que se torne escravo dos descendentes de seus irmãos".

Vale ressaltar que a análise feita sobre este tema, será fundamentada em pesquisas desenvolvidas por estudiosos pertencentes as mais diferentes denominações religiosas. A ideia é tornar o estudo o mais imparcial possível.

De acordo com tal perspectiva, Noé, após ter acordado da bebedeira, logo se inteirou do que havia ocorrido. Muito provavelmente ainda estivesse sob a influência do álcool quando proferiu a trágica frase.

Para uma parcela considerável de estudiosos, as palavras de Noé podem ser analisadas por diferentes ângulos. Isso porque ao invés de amaldiçoar o provável transgressor, isto é, Cam, nosso famoso personagem estranhamente desferiu sua raiva apenas contra seu neto, Canaã. Resta-nos saber o porquê dele não ter amaldiçoado o verdadeiro culpado.

Teólogos argumentam que Noé desejava amaldiçoar alguém que fosse querido de Cam, todavia, se fosse o caso, então como justificar a ausência dos outros netos no que seria a futura desgraça. Outra corrente teológica defende o entendimento de que Canaã deve ter feito algo muito sombrio para atrair essa maldição para si. Provavelmente tenha reagido de forma "inapropriada, rindo ao ouvir o pai descrever o estado do avô, ou talvez estivesse com o pai quando ele viu Noé e o tivesse incentivado a contar o ocorrido aos outros" (ASSOHOTO; NGAWA, 2010: 25).

Para Paulo de Sousa Oliveira, doutor em História Social e pastor da Igreja Batista, essa maldição supostamente atribuída aos africanos é, em sua opinião, totalmente incoerente. O historiador vivifica nos seus escritos

[...] que a punição de Noé não foi dirigida para os camitas, os

descendentes de Cam, todos os negros. Foi circunscrita aos cananitas, descendentes de Canaã que formaram um aglomerado de povos radicados na Palestina, no tempo de Josué, sucessor de Moisés. Depois de inúmeros confrontos com outros povos vizinhos e com os judeus, os cananeus, como etnia, foram dominados no tempo do rei Salomão (OLIVEIRA, 2001:30).

Oliveira (2001: 31) acredita que a maldição proferida contra Canaã tem induzido especialistas a afirmar que a tal praga ocorreu “somente no plano espiritual, religioso e não na área do conhecimento tecnológico, senão teriam construído uma civilização em alguns aspectos, até superior a dos judeus, legítimos descendentes de Sem”.

Outro historiador, Cláudio Rodrigues da Silveira, também entende como equivocado o que se lê em Gênesis 9: 25. Disse ele:

Lendo com atenção, o texto não fala nada sobre a cor da pele. [...]. Mas quem foram os descendentes de Canaã? Não foram os negros, porém pessoas de pele clara que viviam a leste do Mar Mediterrâneo. Por causa de suas ‘práticas depravadas, sua idolatria e seus sacrifícios de crianças’, vieram, conforme Gênesis (10:15-19), a estar ‘sob condenação divina’ (SILVEIRA, 2011: 52).

Percebe-se que o assunto é tão ou ainda mais emblemático quanto os enigmas apresentados pela rainha de Sabá ao então rei dos judeus, o sábio Salomão³. Atribuí-se parte desse mistério ao fato das Escrituras Sagradas ainda carregar o pesado fardo de ser a principal prova desta lamentável narrativa. Uma inquietação que perdura há milênios.

Há quem diga que numa hierarquia de perversão, Canaã só teria sido superada pelas históricas cidades de Sodoma, Gomorra e Corinto. Haveria alusão a exemplos de imoralidade sexual praticados neste emblemático lugar?

É lícito afirmar o quanto os hebreus se horrorizavam ao se depararem com o cotidiano promíscuo no qual estavam inseridos os jebuseus, amorreus, girgaseus, heveus, arqueus, sineus, arvadeus, zemareus e os hamateus, ou seja, a descendência do amaldiçoado Canaã. Para John Stephen Piper (2014: 06), todos estes povos eram habitantes de Canaã e imediações, mas não “da África. E a predição de Noé se tornou verdade quando as nações cananitas foram expulsas

³ Nicholas Clarpp (2002:42) até hoje é considerado pela classe acadêmica, como o pesquisador que mais se dedicou a estudar sobre o passado da rainha de Sabá. Clarpp cita em seus estudos, os dois enigmas que Makeda havia utilizado para testar os conhecimentos do rei de Israel. Eis o primeiro: “Uma ventania corre através dos seus cumes; ele chora alto e amargamente. Ele é agradável para os livres, honroso para os mortos, alegre para os pássaros, doloroso para os peixes”. O linho teria sido a resposta dada por Salomão. Na antiguidade, as fibras do linho eram utilizadas na confecção de vestimentas, redes de pesca, utensílios domésticos, cestos entre outros. Já o mistério seguinte fazia menção a um episódio de incesto, o qual dizia: “Uma mulher diz a sua filha; teu pai é meu pai; tua és minha mãe e eu sou tua irmã”. Salomão respondeu: “certamente essas são as duas filhas de Ló.” Ló e suas duas filhas foram os únicos sobreviventes da trágica destruição das profanas cidades de Sodoma e Gomorra. Após a destruição das cidades, ambas embriagaram seu pai e tiveram filhos com ele, os quais dariam origem a dois diferentes povos: os Moabitas e os Amonitas.

pelos israelitas por causa de sua perversidade (DEUTERONÔMIO 9: 4-5)”.
Em Canaã, a materialização da imoralidade sexual ocorria por meio de rituais pagãos, “basta pensar nos cultos onde o vinho e o sexo ocupavam lugar de destaque como meio de comunhão com a divindade e garantia da fertilidade da natureza” (SOARES, 1988: 33). Bob Deffinbaugh (apud ALBRIGHT, 1978: 24) conseguiu desenterrar este esqueleto do passado e comprovar o quanto eram libertinos estes povos. No entender do citado arqueólogo:

As comparações dos objetos de culto e textos mitológicos dos cananeus com os dos egípcios e mesopotâmios levam a uma única conclusão: que a religião cananita era muito mais centrada em sexo e suas manifestações. Em nenhum outro país foram encontradas tantas figuras de deusas da fertilidade nuas, algumas distintamente obscenas. Em nenhum outro lugar o culto às serpentes aparece com tanta força. As duas deusas Astarte e Anate são chamadas de ‘as grandes deusas que concebem, mas não dão à luz’.

Cam, o patinho feio da história, teve como filhos Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã, como descreve o livro de Gênesis 10: 06. Tempos depois essa descendência daria origem à Etiópia, Egito, Líbia e ao conflituoso território da Palestina. Segundo Olson (1991: 57), antes mesmo das cidades serem construídas e estruturadas nestas nações, Nimrode, “neto de Cão por Cush, começou (foi o primeiro) a ser poderoso na terra. O princípio de seu reino foi Babel, mas construiu mais sete cidades”.

Ao se tornar o fundador de duas das principais civilizações antigas – babilônios e assírios - o soberano em questão, deu início a trajetória de sucesso do negro nos Escritos Sagrados. São desta África bíblica os trabalhadores (eunucos) e os guerreiros (kushitas) mais fiéis da antiguidade. Este é o território em que a força, a beleza e a sabedoria encontraram moradia nos corpos das rainhas de Candace e de Sabá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma série de argumentos inspiraram a produção deste estudo. Acredito que o mais importante deles foi motivado pela maior onda migratória ocorrida no sul da Santa e bela Catarina. Criciúma se tornaria o berço da cultura africana, numa terra antes vista como a Itália catarinense. Senegaleses, moçambicanos, ganeses, togolezes, angolanos, sul-africanos, congolezes e marroquinos, transformaram a então terra do carvão na maior miscelânea cultural do estado. Ouvimos e presenciamos inúmeras histórias, algumas tristes enquanto outras, verdadeiras inspirações para os roteiros *hollywoodianos* de Spielberg.

Essa repentina mudança de paradigma em nosso cotidiano fez ressurgir

antigas discussões, polêmicas estas geradas principalmente pelo vilipêndio atribuído a quase tudo que se refere à África. Segundo os filósofos de plantão, junto com os imigrantes desembarcariam alguns problemas, tais como; doenças, prostituição, aumento da violência, terrorismo, fanatismo religioso e desemprego. Para essa parcela da população, tantos problemas seriam resultado da suposta maldição camita. Tal situação me fez refletir as palavras ditas por Hobsbawn (1998: 73): “Quero expressar minha opinião ‘na forma de paradoxo’”.

No palco da vida reabriu-se a cortina do passado, para relatar uma história cujo final o diretor estará sempre reinventando. Neste histórico episódio Noé interpretou o papel principal, Cam foi o coadjuvante, Canaã encarnou o eterno malvado favorito e Deus, destituído do cargo de roteirista, teria sido rebaixado ao posto de cinegrafista, onde a atuação se limitou ao firme propósito de somente capturar imagens do negro quase sempre condenado a condição de subalternizado. A propósito, ao agir assim, o Senhor da História confrontaria as belas palavras ditas por uma de suas criaturas, a grande poetisa catarinense Edenice Fraga. Disse ela:

Não podemos mais admitir nesta pós-modernidade, dentro da cultura em que vivemos, categorizar um povo de subalterno. Podemos sim, falar em povos subalternizados, que incansavelmente lutam, contra o conceito estigmatizador, que insiste em tornar diferente quem nasceu igual (FRAGA, 2015: 78).

Em resumo, os negros foram excluídos da aliança feita entre Deus e Abraão (em “que todas as famílias da terra seriam abençoadas” – GÊNESIS 1:27), deixaram de pertencer ao único sangue pelo qual o Criador “fez surgir toda geração” (ATOS 26) e como citado anteriormente, também não receberam o benefício da remissão dos pecados em decorrência “do sangue derramado por Cristo na cruz” (COLOSSENSES 1:14). Citando novamente Piper (2015: 09), as pessoas precisam compreender que o

Corpo de Cristo tem uma mão negra, um pulso branco, um braço amarelo e um ombro vermelho. E o pulso branco não pode dizer para a mão negra: ‘Não preciso de você’ (1CORÍNTIOS 12;15). E o braço amarelo não pode dizer ao ombro vermelho: Por eu não ser ombro, não sou parte do corpo (1CORÍNTIOS 12;15).

A presente pesquisa demonstrou de forma sucinta que as consequências da infeliz afirmação proferida por Noé, num passado muito distante, ainda têm ocasionado problemas imensuráveis à população negra contemporânea. Se para Noé ficou o prazer de sentir a leveza do paladar da mais charmosa das bebidas, isto é, o vinho, aos negros restou-lhes uma tremenda dor de cabeça, adquirida junto a um porre, de quem acordou em meio a uma ressaca que parece ser eterna.

De acordo com Casonatto (2012, www.abiblia...), “a denominada Canaã, a

região da terra que existe entre Gaza, atual Palestina ao sul e o atual Líbano ao norte, situa-se ao longo da costa oriental do Mediterrâneo (conforme Gênesis 10:15-19)”. Assim, levando em consideração que tanto o Líbano quanto o território Palestino estão localizados na Ásia Ocidental e não na África, ou seja, contrariando o que muitos pensam, então é possível deduzir, que se realmente existe uma suposta maldição sobre alguém, este alguém certamente não seriam os negros.

A África bíblica até aqui evidenciada, ainda precisa trilhar um enorme caminho antes de ser apresentada ao cotidiano escolar. Subtende-se que tão importante quanto expor o passado de resistência desta terra que outrora foi escrava, é mostrar as futuras gerações que grandes personalidades do passado também tiveram suas histórias vinculadas ao continente tido como o berço da humanidade.

A interdisciplinaridade pode estar presente nas principais passagens bíblicas.

REFERÊNCIAS

- ASSOHOTO, Barnabe; NGEWA, Samuel. Gênesis. In: **Comentário Bíblico Africano**. Tradução: Heloisa Martins, Jair Rechia, Judson Canto, Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. Comentário baseado na tradução de João Ferreira de Almeida. Editor Geral Tokunboh Adeyemo. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil: da senzala a guerra do Paraguai**. SP: Brasiliense, 1993.
- CLARPP, Nicholas. **Atravessando o deserto em busca da lendária rainha de Sabá**. Tradução: All Tasks Traduções Técnicas. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.
- FRAGA, Edenice. **Pássaro Sublime: Poesias e Pensamentos**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2015.
- HERVIEUX, Guillaume. Com a bênção do Livro. In: Escravidão: uma outra história. **Revista História Viva**. São Paulo, Duetto, v. 88, 2013.
- HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- HOORNAERT, Eduardo. A leitura da Bíblia em relação à escravidão negra no Brasil – Colônia (um inventário). In: O Negro e a Bíblia: um clamor de justiça. **Revista Estudos Bíblicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- JORNAL DIÁRIO CATARINENSE. Direitos humanos: racismo será investigado. Florianópolis, SC: edição 9, n.119, 2011.
- JOSEFO, Flávio. **A história dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém**. Tradução Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- LEBEAU, Richard. DOCUMENTO: O Velho Testamento desde Salomão. In: Adeus, Stalin. **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto, v.72, 2012.

KEBRA NAGAST (A GLÓRIA DOS REIS): **A Verdadeira Arca da Aliança**. Tradução Miguel F. Brooks. Trenton, NJ-EUA: Red Sea Press, 1996.

KENNEY, Karin. **Impérios em ascensão: 400 A.C. – 200 D.C.** Tradução e adaptação Pedro Maia. Rio de Janeiro: Abril, 1991.

KI-ZERBO, Joseph. Um continente descobre o seu passado. In: O negro e a Bíblia: um clamor de justiça. **Revista Estudos Bíblicos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, v. 10, 1979.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Seitas: heresias do nosso tempo**. Curitiba, PR: A. D. Santos Editora, 2000.

NOVA BÍBLIA VIVA. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

OLIVEIRA, Paulo de Sousa. **Os Negros da Bíblia e os do Brasil**. Resende, RJ: Sete, 2001.

_____. OS Negros da Bíblia e os do Brasil. Resende, RJ: Sete, 2001. In: PEREIRA, J. Reis. **História dos Batistas no Brasil**. RJ: Juerp, 1982.

OLSON, Nels Lawrence. **O Plano divino através dos séculos: estudo das dispersões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1991.

PIRES, Lucas. "Crê é um risco". In: Bíblia: o Antigo e o Novo Testamento. **Revista Conhecer Fantástico**. São Paulo: Arte Antiga, v. 18, 2004.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, v.2.

SILVEIRA, Cláudio Rodriguez da. Raças, Etnias e Preconceito. In: Bullying: Como lidar com os agressores. **Revista História Catarina**. Lages, SC: Leão Baio, v. 29, 2011.

SOARES. Sebastião A. G. "Porventura não valeis vós para mim tanto quanto os negros?" (cf. Am 9,7). In: O Negro e a Bíblia: um clamor de Justiça. **Revista Estudos Bíblicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VERONESE, Michelle. A Biblioteca de um livro só. In: Quem foi Zumbi? **Revista Aventuras na História**. São Paulo: Abril, Edição Especial, 2005.

VISENTINI, Paulo Fagundes (Org.). **História da África e dos africanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZAED, Abd El Hamid. **História Geral da África II: África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010, v.2.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ANDRADE, Edson Dorneles de. **A Bíblia como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada**. Disponível em: http://www.lettras.UFSCar.br/linguasagem/edicao03/ensaios_biblia.php. Acesso

em: 31 dez.2015.

CASONATTO, Odalberto Domingues. **Uma janela sobre o mundo bíblico.** Disponível em: www.abiblia.org/ver.php?id=4359. Acesso em: 19 mar.2016.

DEFFINBAUGH, Bob. **A Nudez de Noé e a Maldição de Canaã (Gênesis 9: 18 – 10: 32).** Disponível e <https://bible.org/seriespage/nudez-de-no%C3%A9-e-maldi%C3%A7%C3%A3o-de-cana%C3%A3-g%C3%AAnesis-918-%E2%80%93-1032>. Acesso em: 10 jun.2015.

GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. **Entre egípcios e romanos:** considerações a respeito de tal interação política. Disponível em: www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/3.1.2013/edição%FINAL070.pdf.

Acesso em: 12 out.2015.

OLIVEIRA, Betty Antunes. **História dos Batistas** – Começos no Brasil: Antecipando o estabelecimento do trabalho batista no Brasil. Disponível em: http://www.pibrj.org.br/historia/arquivos/historia_batistas_I.pdf. Acesso em: 29 jul.2015.

PIPER, John Stephen. **8 motivos bíblicos para dizer: “Racismo não!”** Disponível em: <http://voltemosaoevangelho.com./blog/2014/11/8-motivos-biblicos-para-dizer-racismo-nao/>. Acesso em: 12 dez.2015.

POPINHAKI, Antonio Carlos. **Sobre o Mormonismo:** religião e racismo. Disponível em: sobreomormonismo.blogspot.com.br/2011/07/religiao-e-racismo.html. Acesso em: 21 jul.2015.

RABELLO, David. **A Bula da Santa Cruzada.** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/61350/64285>. Acesso em: 03 mar.2016.

SCOTT, Joan. **“Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”.** Educação e Realidade. Tradução Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1995, pp. 71 – 99. Texto original: **Gender: a useful category of historical analyses.** Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em:

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 29 fev.2016.

XAVIER, Edson. **Mudança através da cruz.** Disponível em: www.ebah.com.br/content/ABAAAgKQIAD/simao-cirineu-mudanca-atraves-cruz.

Acesso em: 08 abr.2016.

VALADÃO, Márcio. **Vale a pena ser diferente:** O homem da história. Disponível em: livrosgospelmais.com.br/files/livro-ebook-vale-a-pena-ser-diferente.pdf. Acesso em: 17 nov.2015.